

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO DE CATÓLICOS E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40\$00 — Estrangeiro 80\$00 * ANO XXV — N.º 488 — Melgaço, 15 de Fevereiro de 1972 * Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telex: 22455 - Braga

O QUE ACONTECE NO ANO BISSEXTO?

Em 1972, Fevereiro terá 29 dias. A respeito deste dia a mais, muita coisa foi escrita, muitas influências descobertas e muitas propriedades sobre o mundo e as pessoas foram apregoadas pelos astrólogos. Isto tudo acabou por despertar a curiosidade de todos. Afinal, o que quer dizer este dia a mais? O que é realmente o ano bissexto? Muniz Barreto, director do Observatório Nacional, e Ronaldo Mourão, astrónomo-chefe, explicam tudo. Cientificamente.

Ano é o espaço do tempo correspondente a uma volta completa da Terra em torno do Sol. Dia é o intervalo de tempo em que nosso planeta dá uma volta em torno de si mesmo. Na antiguidade, e em muitos calendários actuais — como o judaico e o muçulmano — o mês correspondia a uma fase da Lua. Os egípcios foram os primeiros a abandonar o mês lunar como base do calendário. Fixaram a duração do mês em 30 dias, sem se preocuparem com as fases da Lua; e a do ano em 12 meses, ou seja, 360 dias.

O ano assim definido é mais curto 5 dias, somando mais ou menos um mês em cada seis anos. Para corrigir este defeito, os egípcios acrescentavam 5 dias complementares a cada ano, no fim do 12.º mês. Este «ano vago», ainda que imperfeito, foi usado no Egipto até a conquista romana.

JÚLIO CÉSAR ACABA COM A CONFUSÃO

O calendário romano foi constantemente modificado. Em sua origem, era composto de 10 meses, 4 de 31 dias e 6 de 30 dias. Janeiro e Fevereiro foram acrescentados sob Tarquínio ou Numa. O ano romano ficou com 355 dias.

Mas o ano não tem um número inteiro de dias, tem um número aproximado: 365 dias, 6 horas, 9 minutos, 36 segundos e frações. Júlio César, aconselhado pelo astrólogo alexandrino Sosígenes, instituiu, em 47 a. C., o Calendário Juliano, em que os anos se sucedem numa sequência de três anos de 365 dias e um ano de 366 dias.

O DIA A MAIS

O dia a mais foi acrescentado depois do dia 23 de Fevereiro, que era chamado *sexto ante calendas Martii*: o sexto dia antes das calendas de Marte. Este dia a mais seria o segundo sexto — o

Dr. João Durães

Devido a queda, fracturou o fémur, o nosso prezado amigo dr. João Durães, que se encontra no Porto.

Desejamos-lhe melhoras plenas.

Pela Administração

Como o nosso encarregado da administração esteve doente bastante tempo não foi possível efetuar por correio a cobrança de 1971. Poucos pagaram a sua assinatura o que muito dificultou os nossos serviços. Muitas outras publicações exigem que se pague adiantadamente e que seja o interessado a pedir e mandar tudo. Nós gostaríamos que todos os Melgacenses fossem impares no cumprimento desse dever cívico e também de consciência uma vez que o jornal só pode ser realidade graças ao sacrifício abnegado de algumas pessoas e se puder contar com a colaboração generosa de todos.

As despesas são enormes e ninguém gosta de esperar pelo dinheiro. Vamos dar a lista dos que temos conhecimento quanto ao pagamento da sua assinatura em 1971. São eles:

Abel Alves, Castro Lab.; Abílio Doureiro, S. Gregório; Adriano Cerdiceira, Alberino Domingues, Dr. Alípio Gonçalves, Prof. Alvaro Rodrigues, todos de Melgaço; Afra Augusta Gomes Pinheiro, Prado; Amadeu A. Domingues, Feijó; Amândio Joaquim Rodrigues, Melgaço; Amílcar Jorge Fundinho, Lisboa; P.e Aníbal Rodrigues, Castro Lab.; António Araújo e Prof. António Luís de Pinho Gonçalves, Sintra; António Maias de Araújo, P. da Barca; Sarg. Ant. Napoleão, S. Gregório; António Puga, Paderne; Armando Barreiros, Peso; António Pedrosa Lima, Arlindo Augusto Vilas, Armando Solheiro, Augusto Luís Ribeiro e Augusto Miguel Domingues, todos de Melgaço; António da Silva, Remoães; Armando da Ressurreição Rodrigues, Rouças; Augusto Araújo Esteves, Valença; Alberto Augusto Gonçalves, Alberto Rocha Carvalho; Maria Ena Fernandes, todos de Lisboa; António Rodrigues Fernandes, Melgaço; Adélio Afonso, Castro Lab.; Manuel Joaquim de Araújo, Porto; Luís Antunes David, Montijo; Luís Soares

(Continua na 2.ª pág.)

o bi sexto, daí o nome bissexto que é dado aos anos de 366 dias.

Acontece que Júlio César esqueceu dois minutinhos e segundinhos a mais. Eles foram-se acumulando e, em 1582, havia uma diferença de 10 dias entre o ano do calendário e o ano-tropico: o ano da volta da Terra ao redor do Sol. Quer dizer: as estações estavam começando e terminando 10 dias antes do que marcava o calendário.

O PAPA TIRA 10 DIAS

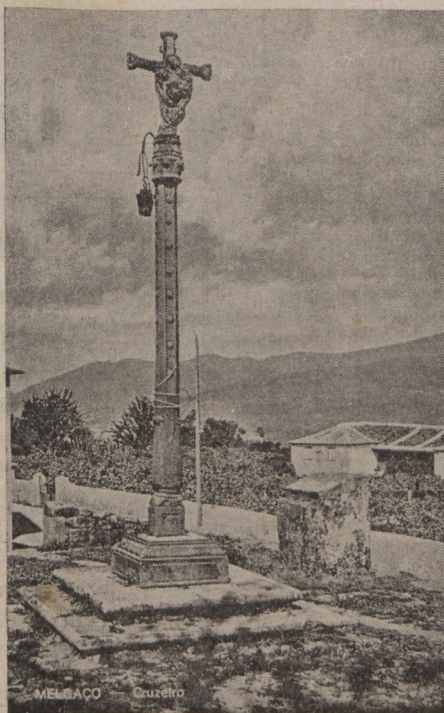
O Papa Gregório XII, no Concílio de Nicéia, resolveu dar um jeito naquilo. Foi assessorado na sua reforma pelos astrónomos e físicos napolitanos Aloysius Lilius e Luigi Lilio Ghiraldi. Lilius mor-

(Continua na 3.ª página)

Os Bispos

«Os Bispos, mais que de elogios, precisam das orações e da colaboração leal e desinteressada, colaboração de fé de seus sacerdotes e fiéis».

Bispo de Quelimane



Recanto da nossa terra: expressão de fé e religiosidade.

Uma sugestão ao Sr. Governador Civil do Distrito

Lemos na imprensa que o Sr. Governador Civil veio a Melgaço para se inteirar das suas necessidades imediatas.

Não recebemos qualquer convite para acompanhar de perto a visita de S. Ex.cia ao nosso concelho e, por isso, não podemos dar, por conhecimento directo, a reportagem do que de facto se passou.

Já aqui o pedimos, há tempos: as visitas do ilustre magistrado aos concelhos deveria ser feita à clara luz do sol, isto é, com a presença dos jornais locais.

Estes conhecem os problemas de Base. Até quando se tornam irrequietos e activistas, fazem-no pelo muito amor que tem pela sua terra.

Não se trata de oposição, muito menos de atitude sempre do «contra». Apresentamos factos; queremos ver obras positivas, sérias, reais.

A Inglaterra, mestre por largos séculos de experiência política, paga para ter oposição a Sua Magestade, precisamente para que, condenando os actos do governo por sistema — por sistema, entenda-se, por fas e por nefas, com razão ou sem razão, e pagando-lhe para isso — essa voz discordante, oposicionista lhe seja útil, no mar imenso dos louvores dos cortesãos.

O passar a crivo disposições, actos governativos, obras e discursos tem, portanto, o mérito de chamar a atenção para erros, para evitar actos contrários ao interesse local e ao bem comum.

No nosso caso, a demora em electrificar o concelho, por exem-

plo, ou o ter-se permitido que se abrissem barrocais a torto e a direito, ou o silêncio que pesa em redor do alugar que a Câmara paga ao Colégio local, sobretudo sendo a mesma pessoa o Presidente da Câmara e o Director do Colégio, estes e outros problemas devem ser expostos em público, trazidos à clara luz da ribalta, a fim de serem clarificados e conhecidos.

Por isso, propomos o convite aos jornalistas para assistirem a estas reuniões de trabalho entre o Sr. Governador Civil e as autoridades locais. Conhecedores dos problemas da terra, fariam perguntas e obteriam respostas.

(Continua na 4.ª página)

Ordres velhos e conceitos novos

AUTORIDADE

Autoridade — Primeira palavra, até agora, de muitos dicionários e sociedades. Também: pessoa que tem cargos e recebe medalhas e homenagens. Na Igreja: pessoa que se dizia indigna de aceitar, mas que depois, num clima de culto à personalidade, considerava inadequado renunciar. Acepção evangélica: atitude de serviço, abertura, dialogo autêntico, contacto permanente, respeito pelas pessoas e, portanto, função que começou a ser difícil e por vezes custosa».

De «Miriam», Janeiro de 1972.

Antigualhas Melgacenses

CHAVIÕES

(Continuação do jornal de 1 e 15 de Janeiro)

Em 1178 o P.e Guilherme Nunes fez doação da sua herdade em Gondufe sob o monte da Agueira ao de Cegos, ao correr da Fonte de Donas até ao rio Minho, metade para o mosteiro de Fiães e metade para a sua servente Urraca Midis e filha, mas estas só com o usufruto, revertendo depois para o mosteiro (?).

Em 1183 esta Urraca Midis e sua filha Peironela doaram ao mosteiro de Fiães a propriedade que receberam de Guilhermê Nunes em Gondufe. Pela róbora, que correspondia à confirmação do contrato ou escritura em nossos dias, receberam cinco soldos em dinheiro, um anho e uma abóbora de vinho (?). Daqui vemos que nesse tempo serviam também as abóboras para recolher o vinho e não só as cabaças como em nossos dias. Ainda há quem chame cabaças aos côcos e às abóboras. Talvez de se usarem as abóboras para o vinho e se chamarem cabaças terá vindo para a designação regional a medida do *cabaço* para líquidos.

A escritura acha-se repetida no cartulário de Fiães, e na segunda em vez de abóbora de vinho escreveram *curcubita* de vinho (?), palavra que não encontro nos dicionários de que disponho.

Em 1241 era pároco Pedro Martins e seu capelão João Joanes que assistiram à venda de uma propriedade outorgada por Frei Lopo Pires de Santa Maria da Orada (?).

Várias escrituras de Fiães mencionam propriedades em Cegos

(Continua na 4.ª página)

Pela Administração

(Continuação da 1.ª página)

Alves, Penso; Manuel Casimiro Rodrigues, Mocambique; Alvaro Cortes, Melgaço; Manuel Esteves Custódio, Aodelha; Agência do Banco Português do Atlântico, Melgaço; José Fernandes, França; Lindolfo Solheiro de Oliveira, Carcavelos; Prof. Ascensão Afonso, Melgaço; Beatriz de Sousa Cardoso, Melgaço; Bento Gomes, Café Central, Café Estrela, Carlos Lima, Constantino da Silva, todos de Melgaço; Claudino A. Rodrigues, Prado; David Teixeira, Deolinda Augusta Pereira, todos de Melgaço; Eduardo Gomes da Silva, Oliveira de Azeméis; Elvira da Conceição Ferreira, S. Gregório; D. Emília Calheiros Pires e Ezequiel do Vale, Melgaço; Fernando Augusto Gonçalves, Lisboa; Gaspar Magno Pereira de Castro, Galvão; Guilherme Pereira, Lisboa; Henrique Garcia, Penso; Hilário Alves Gonçalves, Melgaço; Idalina Correia Pires, Porto; Isaura Marques, Melgaço; Jaime Afonso, Jesuino Afonso, João da Costa Lucena, Dr. João Durães, Jorge da Costa Dantas, todos de Melgaço; Dr. Jaime Murteira, Lisboa; João José Gonçalves Esteves, V. N. de Gaia; José Félix Igrejas Júnior, D. Anésia Almeida, José Joaquim Caldas, José Joaquim Monteiro, José Justino Gomes de Sousa, todos de Melgaço; José Gomes da Cunha, Almada; José Luis de Almeida, Bragança; José Luis de Araújo, José Luis Lopes, José Maria Nunes Pereira, todos de Lisboa; José Manuel Gonçalves Calheiros, José Maria Pereira (família), todos de Melgaço; bem como José Maria Pires; José Nicolau Ribeiro, Torres Vedras; José de Oliveira Salgado, Rouças; Júlio Domingues Gonçalves, Melgaço; Julieta da Conceição Nôvoas, Porto; Justino Domingues, Gave; Laura Teixeira, Luis Gonzaga de Araújo e Prof. Luis Manuel dos Santos Vale, todos de Melgaço; Luis Manuel Dias, Penso; Manuel António Ribeiro, Manuel Cerqueira Rua, Manuel Contente de Sousa, Manuel da Cruz Dias, todos de Melgaço; Manuel Augusto Fernandes, S. Gregório; Manuel Augusto Lopes, Viana; P. Manuel Domingues, Soajo, Arcos; Manuel Fernandes de Sousa, Lisboa; bem como Manuel Henrique Cordeiro da Rocha; Manuel Francisco Rodrigues, Castro Lab.; Manuel José Domingues, Manuel José Esteves Manuel José Igrejas, Manuel José da Rocha, Manuel Ribeiro Coelho; todos de Melgaço; Manuel José Gonçalves, Feijó; Manuel José Pinto, Braga; Manuel José Rodrigues, Aodelha; Manuel Rocha, Évora; Manuel Rocha Passos, Penso; Prof. Manuel Romano Lobato, Valença; Maria Amélia Lourenço Nôvoas, Porto; Maria Cristina Pira Barros de Almeida, Maria de Lurdes Carvalho, Maria Teresa Alves Cabel, Miguel Henrique Pereira, todos de Melgaço; Maria Leonídia Alves Baptista, Sintra; Maria de Lurdes Rodrigues, Loures; Maria Ramos Gomes de Sousa, Porto; Maximino José Esteves, Couso; Manuel Correia Gomes da Costa, Monção; Manuel Vicente Coelho, Rouças; Cabo Armando Afonso, Portelinha; «O Nosso Café», Dr. Oliveira Rodrigues, Melgaço; Palmira Pires Teixeira, Raul Ferreira Cardoso, Dr. Sérgio Sáavedra, Melgaço; Rosa Fernandes, Lisboa; Teodorico Fernandes, Rouças; Vasco Gama de Almeida, Melgaço; Fernando Augusto Gonçalves, Lisboa.

Espanha — Dr. Adriano Marques Magalhães.

Provincias — José Gonçalves, Mário Secundino Cordeira, Angola; Manuel Casimiro Rodrigues e Júlio de Sousa Domingues, Mocambique; Jorge de Barros, Angola.

Brasil — José Joaquim Domingues, Dr. Manuel Cândido Rodrigues; Manuel Felix Igreja, Manuel Serafim Esteves, Vitorino José Lopes.

França — António Joaquim Sérgio; Augusto Esteves, Cunha Salvador, Dálido dos Santos Pereira, Fernando Bernardes, Hilário da Rocha, Horácio Manuel Rodrigues, José Bernardes, José Fernandes, Octávio Gonçalves Meleiro Alves.

Itália (agora no Brasil) — P. António Joaquim Esteves.

Pagaram 1972 — António Carvalho, França; Augusto Fernandes Baptista (pagou ainda metade de 1973); Domingos Rocha, Lisboa; Manuel José da Rocha, Prado.

Pagaram 1973 — José de Sousa Monteiro, Peso; Melgaço; Carlos Augusto Rodrigues, Paris XIV.

Basta pensar que só para o estrangeiro são expedidos mais de 130 jornais com selos de 1 escudo e 11 com selo de 2800 e todavia não passam de 20 os que satisfizeram a sua assinatura em 1971. Insistimos com os nossos amigos emigrantes que de-

voram o jornal da terra de ponta a ponta para que cumpram o dever cívico de pagar adiantadamente a sua assinatura. A todos pedíamos para nos pagarem directamente, por meio de vale de Correio, adiantadamente a assinatura de 1972, pois já estamos quase em Março, e aos que ainda não pagaram 1971 muito pedíamos para pagarem 1971 e 1972 já que seria menor o nosso trabalho e menor a sua despesa. Hoje, graças a Deus, nenhum emigrante condigno precisa que lhe emprestem dinheiro adiantadamente.

Um simples Vale de Correio com a quantia correspondente, endereçada a:

Administração de

«A Voz de Melgaço»

Largo da Senhora-a-Branca, 105
BRAGA

Pode servir para pôr-se em dia com um dever cívico e de consciência (já dispusemos de largos milhares de escudos só em selos) uma vez que a publicação dos nomes no jornal serve já de recibo para os que satisfizeram a sua assinatura. Se não reduzimos ao mínimo as burocracias administrativas de um jornal da terra não poderá este sobreviver.

O pedido que fazemos aos emigrantes com tanta insistência, fazemo-lo também às largas centenas de nossos conterrâneos aqui do Continente e das Provincias que ainda não satisfizeram a sua assinatura de 1971. Não pensamos em anteriores anos porventura ainda não pagos para já. Pensamos no ano de 1971 pedindo ao mesmo tempo a fineza de enviarem já o dinheiro da de 1972.

Agradecemos ainda que todos aqueles que não virem os seus nomes entre os que já pagaram as assinaturas em 1971 ou 1972 — se as pagaram — nos enviassem um simples postal para a direcção acima indicada a comunicar que ano pagaram e a quem, se se lembrarem. Só assim poderemos pôr os nossos ficheiros todos em ordem.

Repetimos: o jornal só é realidade com a ajuda de todos e um bocado de amor bairrista traduzido em obras que, neste caso, nada mais são que o cumprimento de um dever.

Aliás, este ano histórico para «A Voz de Melgaço», e ano das bodas de prata da Fundação do jornal poderia servir para incentivar a generosidade de todos aqueles que desejam vê-lo grande e destemido inscrevendo-se com assinaturas de bem-leitor e procurando angariar outros assinantes para que seja sempre maior o número de Melgacenses a tomar parte activa nos destinos da sua terra. As portas sempre estiveram e estarão abertas para todos os Melgacenses.

Novos assinantes

D. Maria de La Salette Costa Alves, Viana do Castelo; Libério Esteves, Lisboa; Gonçalves José, Capbreton, França; Isaac da Costa Barbosa, Brasil; António da Ascensão Dantas da Costa Afonso, S. P. M. 1718.

A todos os nossos cumprimentos por mais este acto de civismo e bairrismo melgacense. Também se inscreveu como assinante o sr. José de Sepulveda Soares, de Palmeira, Braga.

Pediram para mudar a direcção

Cabo Armando Afonso, do Baixo Alentejo para Portelinha, Melgaço; Hilário José Souto, de S. Paio, para a França; Fernando de Sousa, de França, para Rouças; Freitas António, de França, para outra localidade da mesma França; António Pires, do Porto, para Matosinhos; José de Sousa Monteiro, de Lisboa, para outra localidade de Lisboa; Dálido Santos Pereira, de uma localidade de França, para outra da mesma França; José Bento Fernandes, de Almada, para Feijó; Victor Meleiro Alves, de França, para Rouças, P. António Joaquim Esteves, de Rouças, para o Brasil; António Matias de Araújo, de Lindoso para P. da Barca; António Joaquim Sérgio, França; Manuel Barbosa da Rocha, Lisboa.

Pedimos a todos os amigos de França que estão de férias o favor de nos comunicarem a mudança de direcção. Basta um simples postal para:

Administração de

«A Voz de Melgaço»

Largo da Senhora-a-Branca, 105
BRAGA

Pedimos este favor para nos evitarem demoras para os amigos assinantes e uma acumulação de trabalhos desnecessários para nós.

Necrologia

No lugar de Portelinha, Castro Laboreiro, faleceu no passado dia 4, o sr. José Augusto Domingues (Varandas) pessoa muito estimada e respeitada pelas suas boas e nobres qualidades.

Nasceu em 9 de Abril de 1879, e deixa viúva a sr.ª D. Isabel Domingues.

Aos seus filhos — Manuel Joaquim Domingues, Maria Domingues, Aurélio Domingues e Adelino Domingues — apresenta «A Voz de Melgaço» sentidas condolências.

AGRADECIMENTO

A família de José Augusto Domingues (Varandas) vem muito penhoradamente agradecer todas as atenções que se dignaram patentear-lhe na ocasião do falecimento deste seu ente querido, e pelo sacrifício feito no acompanhamento do cadáver à sua última jazida, pedindo muita desculpa por qualquer falta involuntária havida nessa ocasião.

A FAMÍLIA

De Chaviões

O mau tempo — Esta freguesia também sentiu os maus efeitos do ciclone da tarde de sábado, dia 5, parecendo querer destruir tudo quanto o braço do homem fez e a natureza criou.

Beiradas de casas desfeitas, chaminés e árvores de toda a espécie arrancadas, mas em maior número pinheiros, que se podem contar às centenas, que com relativa facilidade partiam ou se desalojavam do seu leito.

Telefones avariados e algumas linhas da rede eléctrica rebentadas, eis o que por aqui se passou naquela tarde desabrida, que fez tremer os mais corajosos e temer piores consequências.

Felizmente além dos prejuízos materiais, não consta que qualquer pessoa tivesse sido maltratada pelo mau tempo.

Falecimento — No passado dia 5, faleceu no lugar da Portela, com a bonita idade de 91 anos, a sr.ª Rosa Alexandrina Afonso, viúva do sr. Justino Domingues, natural desta freguesia.

Era mãe dos srs. Amadeu Afonso Domingues, 2.º Sargento da Armada, em serviço em Vila Franca de Xira, Arménio Afonso Domingues, que no nosso concelho exerce a profissão de castrador, e da sr.ª Maria Augusta Domingues, doméstica.

O funeral da extinta sr.ª realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, que depois das cerimónias religiosas efectuadas na Igreja paroquial sufragando a sua alma, foi a enterrar no cemitério local.

Que o Senhor a tenha recebido para o eterno descanso e a toda a família em luto apresentamos as nossas condolências. — C.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Vinho do Porto BARROS

De todos
O
mais saboroso
O
mais preferido

Lágrima Christi BARROS
em França o mais apreciado

Loja dos
Pereiras

TEL. 42311

MELGAÇO

TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

A CASA DO BOM CAFÉ

MERCEARIA FINA
FAZENDAS
CORRESPONDENTE BANCÁRIO

Agência de Viagens «RUMO»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

TOTOBOLA

Não se esqueça de entregar as suas matrizes com a devida antecedência, através do Agente 18/031

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Por Santa Rita



- Onde todos ajudam, nada custa...
- De perto e de longe...
- O convento de Santa Rita, em Cásia, deu connosco...

Continuam os amigos de Santa Rita, de perto e de longe, a trazer-nos o seu carinho e conforto. Muitos passam pela igreja de Santa Rita e sobem à Casa onde vivem os nossos irmãos e vão ter com a Sr.^a Lana a quem entregam as suas ofertas, em carne, para consumo na Casa. O que isto nos ajuda!

Continuam a vir de perto e de longe e todos com uma grande satisfação, por ajudarem uma obra de Deus.

Pois que todos nos unamos ainda mais, para fazermos uma obra digna do Senhor. Deus o quer.

As ofertas, em dinheiro, continuam a chegar: — e assim, da sr.^a Edite Fernandes, do Crasto, para os pobres da Santa Rita, 10\$00; da menina Maria Fernanda Domingues, da Eira, mais 50\$00; da sr.^a Carolina Gonçalves, de Prado, 150\$00; de Albertino Afonso, de Prado, 200\$00; de Rosa Alves, de Couso, 20\$00; Carolina Fernandes, de Prado, 20\$00; Carlos Alves, de Sante, 5.000 francos; Maria dos Anjos Fernandes, Paderne, 100\$00; Jorge Monteiro, Prado, 300\$00; Anselmo José Afonso, Cavencia, 100 N.F.; António Augusto Afonso, 20 N.F.; Maria da Conceição Martins dos Santos, Vila, 150\$00; Ricardo Rebelo, S. Paio, 120\$00; Aurea da Costa, Carreira, 30\$00; Anónimo, 47\$50; António Meleiro das Almas, Cavaleiro Alvo, 220\$00; Leonor Gonçalves, Valinha, 1 par de brincos, 100\$00; António de Jesus Fernandes, Bilhões, 50\$00; José Monteiro, Quinta do Peso, 500\$00 (é o sr. Monteiro um grande amigo das nossas casas de caridade, repartindo por todas e a todas trazendo, todos os anos, o seu conforto. Bem haja); Claudino Gonçalves, Pinheiro, Paderne, 500\$00; João Esteves, dos Carvalhos, mais 500\$00 e um largo sorriso de amigo sempre presente; anónimo, L. C. mais 60\$00; António Sérgio, Rasa, S. Paio, 300\$00, quando da sua vinda a Portugal; Belmira Pereira, Corções, 20\$00; Anésia Domingues, Prado, 20\$00; Rosa Esteves, Parada do Monte, 100\$00; Maria de Lurdes Fernandes, Parada, 40\$00; António José Gomes e Esposa, 100\$00; Professora D. Maria do Rosário Esteves, dos Carvalhos, 500\$ (a sr.^a Professora pertence a uma família dos Carvalhos, que é uma grande benfeitora desta Obra: todos ajudam e muitas vezes); Maria de Lurdes Silva, Prado, 150\$00; Maria de Jesus Soares, Corções, 100\$00; Enfermeira, menina Rosalina da Costa, Pompeira, 100\$00; D. Claudina Gomes, Prado, 50\$00; madrinha de Santa Rita, de Fontes, com muitos comestíveis, 10\$00; Maria de Fátima Gonçalves, Pomares, 5\$00; Maria da Saudade, Pomares, 5\$00; Maria Anésia Rodrigues, Fontes, 5\$; José Manuel Gonçalves, Corções, 100\$00; Antero Esteves, Carvalhos, mais 100\$00; Alferes Manuel José Rodrigues, Corções, 100\$00; José Afonso, Brasil, 500\$00; Leonor Augusta de Carvalho, Cavaleiros, 60\$00; Rosa Soares, Cavaleiro Alvo, 10\$00; António Lourenço, Corções 100\$00; Vitorino Esteves, sobrinho da sr.^a D. Estefânia Gomes Esteves, irmã do falecido sr. Arcipreste, Padre Manuel Bento Gomes, que lá das terras do Brasil, com a sua Ex.^{ma} família, tanto nos ajuda, 2.000\$00; Prazeres Pereira, Cela, 20\$00; Alvaro Augusto Cortes, Dioquim, França, 20 N.F.. (Continua).

E ficamos hoje por aqui. Deus nos ajude. Fazem-nos muita falta as ajudas materiais, muita, mas o que mais falta nos faz, são as orações de todos os nossos amigos, para que esta obra seja digna de Deus. Começamos a ter medo. Sim, a ter medo. Já é muito grande a responsabilidade diante de Deus e dos Benfeitores. Temos feito o que nos é possível. Faremos tudo o que pudermos, mas precisamos de muitas orações.

E uma grande novidade: — o convento de Santa Rita, em Cásia, na Itália, deu connosco e tem-nos mandado com as suas cartas, as suas lembranças, uma delas, um bocadinho de pó da videira, regada por Santa Rita. Para os que não têm fé, isto será motivo de riso, para nós, foi uma graça de Santa Rita.

Pois em nome do Senhor, vamos!

A todos, muito obrigado.

PADRE CARLOS

O que acontece no ano bissexto?

(Continuação da 1.ª página)

reu em 1576, antes que a reforma estivesse completa e Gregório procurou o jesuíta e matemático alemão Christopher Clavius, que verificou todos os cálculos e terminou a reforma.

Gregório XII decretou então a correcção do calendário. Em Roma, a sexta-feira 15 de Outubro sucedeu à quinta-feira 4 de Outubro.

O Calendário Gregoriano foi adoptado logo pelas nações católicas: na França, o domingo 9 de Dezembro de 1582 foi seguido pela segunda-feira, 20. A Grã-Bretanha adoptou o Calendário em 1752. A Rússia, em 1918, depois da revolução socialista. A Grécia o adoptou em 1923.

O Calendário Gregoriano só difere do Juliano num ponto. Em vez de conservar sequência de quatro em quatro anos, são bissextos os anos cujo milésimo é divisível por quatro e os anos seculares só serão bissextos quando forem divisíveis por 400. Assim, 1972, que é divisível por quatro, é bissexto. O ano 2000, divisível por 400, também será. Já o ano 3000, que não é divisível por quatro, não será bissexto.

O Ano Gregoriano Médio é de 365 24250 dias. O excesso em relação ao ano trópico — tempo que a Terra leva para dar a sua volta em torno do Sol — será apenas de 3 dias em 10 mil anos, precisão suficiente para as nossas necessidades actuais.

CALENDÁRIO UNIVERSAL

Há alguns anos houve uma tentativa de se estabelecer o chamado *Calendário Universal*: todos os meses com 30 dias, e cada dia do mês caindo no mesmo dia da semana. Por exemplo, o dia primeiro seria sempre segunda-feira, o dia 2 seria sempre terça-feira, e assim por diante. Os cinco dias que sobram, seriam colocados entre os meses. Criariam até sociedades internacionais para mudar o calendário, mas a ideia não pegou, porque o actual está indo muito bem.

INFLUÊNCIAS

Desde meados de 71, estudos de várias ciências se preocupam com as prováveis influências do ano bissexto sobre a vida terrestre. Segundo o sr. Muniz Barreto, o ano bissexto só muda a vida de quem nasceu no dia 29 de Fevereiro: só nos anos bissextos essas pessoas fazem aniversários.

Influência real, não tem nenhuma, porque o ano bissexto é uma simples convenção. Os israelitas, por exemplo, vão entrar no ano 5733, ao por do sol do dia 9 de Setembro. Seu mês é lunar, tem 28 dias contados pelas fases da lua. Os muçulmanos iniciam seu ano 1392 a partir da Hégida (fuga de Maomé) ao por do sol do dia 16 de Fevereiro, com meses também lunares. Existem muitos outros calendários em vigor,

como o chinês e o indu, quase todos baseados nas fases da lua. Ano bissexto é uma invenção exclusivamente ocidental.

Até o começo do Ano Novo, que se comemora com tanta festa e deslumbramento, não passa de convenção. Na verdade, quando se diz que o Ano Novo «começou», aqui no Brasil, ele já começou há três horas atrás, em Greenwich, na Inglaterra, e há 12 horas em Tóquio, no Japão.

(De «O Globo», de 25-1-71)

Ela aí está, uma onda de lama!

Passa pelo mundo uma onda de lama

Na cidade da Nova York reuniram-se, há pouco, cerca de 15.000 pessoas, pedindo a homossexualidade. Terras há ali na América, em que se pratica o amor livre entre casados, sendo as mulheres de todos os homens e os homens de todas as mulheres. É o chamado «casamento de grupo».

— Campeia pelo mundo o uso da droga, sobretudo entre estudantes. E na América do Norte, há pouco dois rapazes de 20 anos, colocados à margem da estrada, pediram boleia que obtiveram, assassinando depois o condutor do carro, a quem comeram. Um deles, depois, apresentou-se à polícia, dizendo: — tenho um problema: — sou canibal. Comi um homem!

— A Dinamarca teve o privilégio de realizar a chamada feira da pornografia. Foi um escândalo. O seu «livrinho vermelho», para estudantes é simplesmente vergonhoso. A França rejeitou-o.

— Na Inglaterra 483 raparigas, de menos de 15 anos, eram mães no ano de 1959, em 1969, eram já 1.486. As doenças venéreas aumentam assustadoramente entre os estudantes de menos de 16 anos. A Rússia não escapa a este flagelo.

— Em Woodstok juntaram-se num dia 400.000 hippies, com as suas trágicas consequências...

— Por ano, em todo o mundo, que se saiba, são trinta milhões as vidas ceifadas pela morte, pelo aborto. *A matança dos inocentes*. Mas não é Herodes que manda matar os filhos dos outros. Depois, a droga anti-bébé. E enquanto isto, 15.500 crianças paquistanesas morrem por dia nos campos de concentração da Índia.

Pela Administração

Importante

Já com a lista pronta recebemos notícia de mais 32 assinantes que pagaram 1971, sendo 4 Franceses, 2 Brasileiros e 1 Holandês; 3 que pagaram 1972, sendo Brasileiros e outro que pagou 1973 também Brasileiro. Daremos os nomes na próxima vez.

Quantos querem imitar estes nossos amigos que pagaram 1972 e 1973 adiantadamente?

Quantos querem imitar o nosso amigo sr. José Aniceto Rodrigues que nos enviou mais um novo assinante?

Quantos querem imitar um outro amigo que se inscreveu como assinante amigo pagando 50\$00?

Vítimas de desastre

Os estudantes Alberto Esteves e Sérgio Rui Saavedra Marinho vinham do Porto gozar férias do Carnaval à nossa terra.

O veículo em que viajavam, no lugar de Tróias, Valença, embateu com outro, e do embate resultou o ferimento dos dois estudantes.

Desejamos-lhes pronto restabelecimento.

Desiludido com a

«FRELIMO»

apresentou-se às autoridades portuguesas um destacado elemento daquela organização terrorista

PORTO AMELIA, 17 — Apresentou-se às autoridades portuguesas, no distrito de Cabo Delgado, Januário Fernandes Nepuruma, natural de Mueda e pertencente à etnia Maconde que desempenhava o cargo de comandante dum sector da organização terrorista «Frelimo», neste distrito.

Aliciado para a subversão em 1965, foi enviado para a Ucrânia, na União Soviética, onde frequentou um curso de comandos, após cuja conclusão começou a desempenhar as suas funções no terrorismo. Sendo responsável pela tentativa do avanço para o sul do distrito, apercebeu-se do insucesso da mesma, especialmente pela falta de apoio das populações ali aldeadas. Desiludido também com o comportamento dos chefes da subversão, cujas intenções verificou serem bem diferentes das que apregoam, deixou de acreditar nos objectivos da luta, tendo decidido entregar-se às autoridades portuguesas.

BRASILEIRA DO PORTO

CAFÉS

61. RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 * PORTO

Quinzena Internacional

União da Europa

Desde o último século, a Europa tem andado em guerras contínuas e entre os seus países criaram-se fundas animosidades e rivalidades. Dos povos, aonde com mais veemência cresceram essas animosidades e rivalidades, destacam-se a França e a Alemanha.

Só neste século XX houve duas guerras entre esses países: uma de 1914-18 e outra de 1939-45.

Com o termo desta última guerra mundial, verificou-se que seria impossível haver paz na Europa sem uma aproximação entre esses dois países.

Como não era fácil iniciar a aproximação pelo lado político ou diplomático, visto que a Alemanha era uma nação vencida, sem tratado de paz, e com uma zona sob o domínio da Rússia, iniciou-se a mesma pelo lado económico e, apenas, com a Alemanha Ocidental.

A Comunidade do Carvão e Aço foi a primeira tentativa.

Quando, porém, se tornou necessário organizar uma aproximação mais vasta, surgiu a Comunidade Económica Europeia, da qual fazem parte os seguintes países: França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

O crescimento económico da Alemanha e dos demais países membros do Mercado Comum deu sobejas provas da sua validade e importância. Mas não passava do plano económico. Impunha-se a aproximação política.

Essa dava-se na organização do Atlântico Norte, mas tal organização visava, sobretudo, a defesa do Ocidente contra um possível ataque dos Russos.

A ascensão do general De Gaulle a Presidente da República da França, no ano de 1958, permitiu uma tentativa política fundamental: a aproximação entre a França e a Alemanha Ocidental. Tal aproximação firmou-se com os acordos franco-germanos, assinados em 1963 na cidade francesa de Reims, por De Gaulle, do lado francês, e por Adenauer, do lado alemão.

Isto, porém, não bastava para uma União Política Europeia, que todos os verdadeiros amantes da paz desejavam.

Foi crescendo a ideia, a qual

se retardou com a teimosa exclusão que o general De Gaulle fazia da Inglaterra nessa possível organização política.

O afastamento do general De Gaulle, do poder, permitiu que o seu sucessor, Pompidou, alterasse a política do General.

Assim apressou-se a entrada da Inglaterra na Comunidade Económica Europeia ou Mercado Comum, entrada que já se verificou oficialmente.

Trata-se, ainda, de um crescimento de uma organização económica. Mas o passo dado envolve uma esperança política: a União Política da Europa.

Essa não se podia fazer sem a Inglaterra quer por se tratar de uma Nação com grande importância e experiência política quer porque alguns países, senão quase todos, exigiam a presença desse país.

O futuro exige o fortalecimento político da Europa Ocidental, como o demonstrou a consulta que Nixon fez a dirigentes políticos europeus — Presidente da República da França e Primeiro Ministro Britânico — antes das conversações com a China Comunista e com a Rússia.

Os factos, pois, estão a impulsionar a União da Europa.

JULIO VAZ

Contas aos munícipes

Já aqui o dissemos: os munícipes devem tomar conhecimento da actividade camarária e dar a sua opinião a seu respeito.

Em Melgaço, há problemas de fundo cujo andamento ignoramos. Por ex. electrificação. Ou ainda: estradas e escolas.

Nada sabemos em relação ao que se fez em 1971. Não conhecemos nem o relatório de actividades camarárias nem o orçamento para 1972.

Sua Magestade o Silêncio e o Segredo trancam-nos as portas...

Outro problema de fundo: quanto custa o aluguer do Ciclo instalado no Colégio.

São, por hoje, apenas três perguntas inofensivas, em cuja resposta o público tem o maior interesse.

Todavia, antes de tudo o mais, venha o relatório de actividades e o orçamento para 1972.

Ocorrem-nos estas considerações, ao ler na imprensa o relatório de actividades da Câmara Municipal de Caminha. E quisemos saber: por que não tomar conhecimento das actividades da Câmara de Melgaço?

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Electrificação

De acordo com a revista «Electricidade», no seu último número a Companhia Portuguesa de Electricidade vai fazer um investimento de 11,5 milhões de contos no intuito de assegurar o abastecimento de energia ao País e preparar a estrutura de produção e transporte.

Este trabalho estará concluído em 1975.

Será este o único processo de as freguesias de Melgaço, que ainda não foram electrificadas, o virem a ser?...

Uma sugestão ao Sr. Governador Civil do Distrito

(Continuação da 1.ª página)

Essas respostas esclareceriam os munícipes e reinaria a paz e a concórdia.

Uma vez que não recebemos convite para assistir, aqui fazemos, respeitosamente, uma pergunta ao Sr. Governador Civil. E é a seguinte: — Porque é que, pagando o governo toda a despesa com a electrificação concelhia e tendo o actual Presidente da Câmara prometido mundos e fundos nesse sector, é... zero?!...

Outra fariamos: — Quando nos será distribuído o relatório da actividade camarária de 1971 e o orçamento e plano de actividades para 1972? Se já o tivéssemos em mão, não perguntaríamos qual era o quantitativo que a Câmara paga por mês, de aluguer pelo Ciclo ao Colégio.

Centenários de 1972

Passa este ano o quarto centenário da publicação de «Os Lusíadas».

A fim de comemorar tal acontecimento, foi constituída uma Comissão Luso-Brasileira.

Também este ano se celebram os 150 anos de independência do Brasil. Por esse motivo, as cinzas de D. Pedro, primeiro Imperador do Brasil, vão de Lisboa para o Brasil, para Ypiranga, o local aonde o então Príncipe soltou o grito da independência do Brasil.

Celebra-se também neste ano, o centenário do nascimento do grande português e minhoto, Sidónio Pais, natural de Caminha, e que foi Presidente da República.

A Câmara de Caminha, de que é Presidente o nosso prezado amigo Francisco Preza, prepara soleníssimas comemorações.

Sr. INDUSTRIAL:

Deseja que os seus produtos sejam vendidos e conhecidos no mercado? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

e Gondufe, e muitas outras o mosteiro devia ter em Chaviães, de que resultou um conflito com a Igreja local.

Não temos elementos para conhecer toda a extensão do conflito. No cartulário de Fiães arquivaram o acórdão estabelecido entre o Dom Abade com o mosteiro de uma parte e o reitor Pedro Martins, clérigos e consortes da igreja de Santa Seguinha de Chaviães da outra parte, relativo a terras, vinhas, possessões e outras coisas mais.

Tinha havido letígios e discussões, e por fim, nos termos de cartas vindas do Papa, o bispo de Tui D. Lucas nomeou árbitros a João Joanes pároco de S. Fagundo e procurador da igreja de Santa Maria da Porta e Rodrigo Mendes padre de Chaviães para que, em nome do bispo, restabelecessem a paz e concórdia, e ambas as partes obedecessem à sua decisão. Eles, ouvidas as alegações de ambas as partes e bem consideradas, mandaram que fosse observado o costume em uso entre as igrejas do bispado de Tui: dariam à igreja metade das dízimas, e os que morassem fóra do couto de Fiães dariam os dízimos por inteiro, tanto frades como leigos, excepto das propriedades que o mosteiro adquiriu antes do concílio geral do papa Inocência III das quais não satisfariam dízimas se as trabalhassem por suas mãos ou a expensas suas, como se contém em seu privilégio; e se alguns habitantes de Chaviães cultivassem dentro do couto do mosteiro dariam também metade dos dízimos ao mosteiro, isto é, pelo couto da Agueira, pelo couto da Aveleira e pelo couto de Joazim.

Mas, a bem da paz e para não ficar prejudicada a sobre-dita igreja, o mosteiro lhe daria para posse permanente toda a herdade que tinha em Cernadas e no Louridal com todos os seus direitos, e os interessados da igreja de Chaviães dariam ao mosteiro para posse permanente uma propriedade no monte do Pousadoiro, que foi de Marinha Joanes filha, chamada Saldeborn, que a dita igreja tinha por testamento da referida senhora. Além disso o Reitor de Chaviães desistiria de toda a questão por injúrias recebidas da parte do mosteiro até à data, e entregaria em mão ao Abade os papeis que tinha para reclamar.

Este acordo de amigável composição foi realizado no mosteiro de Fiães em Junho de 1246. O documento foi redigido por Núnio Soares, monge de Ursária, a mando do Abade de Fiães, de Pedro Martins reitor da igreja, e dos sobreditos árbitros João Joanes e Rodrigo Mendes (?).

Em fevereiro de 1247 o P.e Rodrigo Mendes (possivelmente pároco de Paços) outorgou na vila de Melgaço ao mosteiro de Fiães uma doação de toda a herdade que tem por pai e mãe, contando-se entre as testemunhas presentes Pedro Martins reitor da igreja de Chaviães e o seu capelão João Joanes (?).

As inquirições de 1258 pouco adiantam para a história de Chaviães (?). Era pároco João Joanes, que possivelmente seria o capelão que vimos do pároco em 1241, 1246 e 1247. Ele e mais alguns homens bons, devidamente ajuramentados, apenas informaram que metade de Chaviães de monte in fonte era reguengo, isto é do património real. A expressão de monte in fonte, que nos aparece em documentos medievais, não a encontramos explicada em qualquer livro da especialidade que me tenha passado pela mão. Pelo sentido, julgo traduzir-se em terra culta e inculta, ou então, como diz o povo, manso e bravo.

A metade reguenga de Chaviães pertencia à vila de Melgaço nos termos do foral outorgado pelo primeiro rei, D. Afonso Henriques, embora as inquirições o não digam.

As inquirições de D. Dinis de 1290, 1301 e 1307 nada dizem que respeite a Chaviães.

Na taxaçaõ das igrejas em 1320 figura Chaviães com 160 libras, a mais alta no velho concelho de Melgaço.

No igrejarío de D. Diogo de Sousa, de princípios do século XVI, encontra-se mencionada a igreja de Chaviães com a indicação de ser de padroeiros leigos, isto é, o pároco era escolhido por leigos, mas não menciona quem sejam.

Em 1547 fez-se um tombo da paróquia de Chaviães, que alude a outro de 1502. Era abade de Chaviães Diogo Vaz que se intitulava «capelão do Duque de Bragança» (?).

A igreja de Chaviães é muito antiga, talvez a que existia no século XII, e de arquitectura românica. No andar dos tempos foram-lhe acrescentadas a torre, a capela-mór, a sacristia e a casa das confrarias.

P.e M. A. BERNARDO PINTOR

(1) Cartulário de Fiães fls. 7v.

(2) Ibidem fls. 8v.

(3) Ibidem fls. 55.

(4) Ibidem fls. 29.

(5) Ibidem fls. 92v-93v

(6) Ibidem fls. 41.

(7) Port. Mon. Hist. — Inq. 377-2.

(8) Este tombo consultei-o no cartório paróquial de Chaviães em maio de 1947.

A Revista

Não se entende. Todos falam da revista que o nosso amigo Vasco fez para se representar por aí abaixo, nas vilas do distrito e nada de aparecer.

Que se passa?

A verdade é que a demora faz desejar mais a sua aparição. E os quadros? — Já viram os quadros? E os ensaios?... Nada, esta demora é significativa. Pois venha ela, essa revista, que vai ser falada. Mas que escola de psicologia frequentou o sr. Vasco? — A verdade é que a demora já é muita. E todos estão à espera, para marcarmos o seu lugar. Ou anda mouro no costa?

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO